



MULHERES AFRODESCENDENTES DE SUCESSO: CONFRONTANDO AS DISCRIMINAÇÕES BRASILEIRAS.

Francis Musa Boakari

Sobre o afrodescendente, o cotidiano brasileiro ensina duas lições: há conquistas em números crescentes deste grupo, e vai haver continuidade das situações discriminatórias e experiências excludentes que a maioria enfrenta. A mais importante destas lições é a presença de mulheres afrodescendentes entre brasileiros de elite. Esta é a lição que precisa ser disseminada com mais vigor!

Introdução

O Brasil deve muito aos africanos escravizados e seus descendentes, os afrodescendentes. Se os africanos fizeram e os afrodescendentes continuam fazendo muito para enriquecer o país, o mesmo não pode ser dito no tocante às relações que a sociedade brasileira tem mantido com eles. A maioria deste grupo de brasileiros sofre de explorações diversas e vive ainda em condições precárias e de miséria. Ela enfrenta uma escravidão que consiste na desumanização apaziguada da pessoa num mundo globalizado com um mercado sem fronteiras.

Neste mundo, as mulheres afrodescendentes constituem o grupo mais marginalizado e explorado. Como no período da escravidão, elas ainda têm que enfrentar as consequências de sua desumanização racial, discriminação social, exploração sexual e inferiorização por causa de questões de gênero. Não se pode negar que tem tido algumas mudanças nas condições de vida, para melhor, para algumas dessas mulheres. Entretanto, para a grande maioria, as suas condições de pobreza e miséria continuam em todas as regiões do país (IBGE, 2007). É comprovada a partir de experiências vividas, levantamentos oficiais e pesquisas acadêmicas que as mulheres, descendentes dos africanos trazidos para este país, continuam sendo as pessoas mais vitimizadas pelas discriminações numa sociedade onde o racismo e o machismo, além das exclusões sociais, fazem parte do cotidiano da população afrodescendente. Como observou Valente (1994), “mulheres negras ..., sofrem de tripla discriminação: sexual, social e racial” (p.56).

Apesar das marginalizações que a mulher afrodescendente enfrenta, cada vez mais, há um grupo que está conseguindo superar os desafios das diferenciações triplicadas e atingir alguma mobilidade de ascensão. Considero crucial as conquistas no campo da educação formal uma vez que é esta que abre as portas para conseguir competir em outras áreas. Consideradas as baixas taxas de desempenho escolar por parte da maioria das meninas afrodescendentes, a conclusão do ensino fundamental ou um diploma de ensino médio significam muito na vida dessas mulheres. Com um



diploma universitário, aumentam as oportunidades para uma participação mais significativa no mercado de trabalho e na sociedade como cidadã.

Neste estudo, o interesse fundamental era desvelar as explicações oferecidas por um grupo de mulheres afrodescendentes sobre o seu bom desempenho escolar. A motivação maior da pesquisa consistia em saber, de acordo com as suas opiniões, os fatores aos quais atribuem o seu sucesso principalmente como estudantes. Elementos sociais, culturais e qualidades pessoais, formaram o eixo das explicações apontadas. O período em que estudavam na universidade, até os anos 70 ou depois, também ajudaram melhor contextualizar as experiências historiadas. Fatos marcantes, acontecimentos memoráveis, e pessoas significantes na vida das participantes do estudo, constituíram os fios das teias experienciais relatadas. As explicações oferecidas pelas 05 (cinco) mulheres afrodescendentes entrevistadas foram marcadas por elementos da memória coletiva dos membros femininos deste grupo.

Estudos sobre as mulheres como sujeitos servem de perspectiva rica para analisar como uma determinada sociedade trata da sua maioria silenciada e esquecida. Em sociedades multi-étnico-raciais como a brasileira, estudar as afrodescendentes é a melhor maneira de avaliar os avanços em conquistas de cidadania pelos integrantes do grupo historicamente mais explorado. Desvelar experiências das mulheres afrodescendentes não somente indicam como o Brasil é país participativo, mas também, como tem conseguido reduzir as suas desigualdades históricas. Saber mais da mulher brasileira de origem africana, especialmente sobre o pequeno grupo que tem conseguido terminar cursos universitários, poderá indicar os caminhos para um futuro menos desigual e de oportunidades mais igualitárias para todos.

De muita importância é o fato de que estudos que revelam outras experiências das populações afrodescendentes, em especial os que abordam suas conquistas e participações como cidadãs, servem de espelhos positivos para o grupo. Disseminar imagens positivas de afrodescendentes nos campos social e educacional ajuda reverter os processos de genocídio e epistemicídio aos quais os descendentes dos africanos no Brasil têm continuamente sofrido.

Das experiências destas mulheres que têm conseguido “chegar lá”, conquistando algum reconhecimento social, pode-se aprender as estratégias de resistência numa sociedade contemporânea ainda marcadamente discriminatória. Tais lições serviriam à muitos membros de outros grupos de marginalizados, especialmente em termos das características de sua resiliência. Características familiares e comunitárias destas mulheres, também, poderiam ajudar enfatizar o papel central da coletividade na vida dos membros de grupos vitimizados em sociedades de



histórias culturais diferentes. No contexto desta investigação, os indícios consistentes do elemento familiar (parentesco ou laços étnico-raciais) como vestígio da cultura africana, servem de elemento fundamental no desenvolvimento de políticas públicas mais exequíveis no Brasil.

Vale ressaltar que baseadas em experiências vividas como afrodescendente, nem um pós-doutoramento anula a condição de ser considerado menos humano porque tem antepassados africanos e deste modo, sofre os tratamentos diferenciados em todas as esferas da sociedade brasileira. Precisa ser notado em especial, o fato de que há mulheres afrodescendentes de sucesso, basicamente porque têm conquistado diplomas universitários. Esta realidade não menospreza a vitalidade do racismo e machismo brasileiro; muito menos aponta para uma culpabilidade da mulher afrodescendente. Os dados indicam a existência destas mulheres. Precisamos saber quais os caminhos que percorreram. É isto o mais importante deste trabalho

Algumas leituras de apoio

A inserção das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro é nitidamente desvantajosa, ainda que sua participação na força de trabalho seja mais intensa que a de mulheres não-negras. A presença da discriminação racial se acumula à ausência de equidade entre os sexos, aprofundando desigualdades e colocando as afrodescendentes na pior situação quando comparada aos demais grupos populacionais – homens negros e não-negros e mulheres não-negras. Elas são a síntese da dupla discriminação de sexo e cor na sociedade brasileira: mais pobres, em situações de trabalho mais precárias, com menores rendimentos e as mais altas taxas de desemprego (DIESSE, 2005, p.2).

De acordo com análises desenvolvidas por técnicos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2010) com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), um homem de origem europeia, eurodescendente, ganha pelo menos três vezes mais que uma mulher trabalhadora de descendência africana. Este mesmo homem eurodescendente, ganha mais de duas vezes que outro trabalhador brasileiro considerado negro, de origem africana. Uma mulher eurodescendente ganha quase duas vezes que a trabalhadora afrodescendente, e mais que um homem deste mesmo grupo étnico-racial. Os dados mostram com consistência, que a situação histórica do afrodescendente, poderia estar mudando, mas que na essência, as suas condições de desigualdade efetivamente continuam.

As discriminações-exclusões contra os afrodescendentes ainda fazem parte do cotidiano deste país. Eles formam mais de 47% da população brasileira. Entretanto, este mesmo segmento da população constitui quase 63% dos pobres.

Como grupo social, os afrodescendentes ganham mal e vivem em condições precárias porque um grande número está geralmente desempregado; a maioria só consegue sub-empregos ou



trabalhos mal-remunerados. Esta situação é influenciada também, pelo nível educacional deste grupo de brasileiros. Em média eles têm 1,6 anos menos de educação escolar que brasileiros de descendência européia. A mulher afrodescendente tem 1,8 anos menos de estudo que a mulher eurodescendente. Enquanto entre brasileiros com mais de 15 anos, 7,5% dos eurodescendentes é de analfabetos, 17,2% dos afrodescendentes (17,6% homens e 16,7% mulheres) encontram-se nesta mesma condição. A mulher afrodescendente recebe a pior remuneração, mas tem mais estudo que o homem afrodescendente. Uma das explicações é que este último, em muitos casos, entra no mercado de trabalho mais cedo (com menos escolaridade).

Dados da PNAD de 2002 indicaram que 51,9% de homens afrodescendentes e 49,6% de mulheres afrodescendentes tinham entrado no mercado de trabalho com 14 anos ou menos. Dos eurodescendentes, as proporções eram de 47,7% e 34,3% respectivamente. Muitas afrodescendentes também, só conseguem empregos vulneráveis, principalmente como domésticas, um setor onde elas ainda predominam, ganhando mal e sem segurança.

A conclusão geral é que apesar dos ganhos sociais em tempos recentes, as desigualdades entre os sexos (VAZ, 2008), acirradas pela raça, têm mudado muito pouco. A situação mais desigual ainda é a da afrodescendente (PNUD, 2010). Neste sentido, entre outros pesquisadores, Christofolletti & Watzko (2009) falando dessas mulheres em jornais locais, observam que

A discriminação racial no Brasil não se dá apenas por atitudes que possam ser percebidas, mas principalmente pela ausência, pela exclusão dessas negras ..., pela indiferença que são tratadas e pelo reforço de estereótipos sempre atribuídos a elas de maneira equivocada e preconceituosa. (CHRISTOFOLETTI & WATZKO, 2009, p. 104)

As histórias dos africanos e seus descendentes brasileiros, em particular as afrodescendentes, eram narrativas inviesadas e discriminatórias. Não somente foi negada a sua agência social, mas também a sua humanidade. Com base nas idéias desumanizadoras, foram invisibilizados. E com esta invisibilização, foram transformados em não-pessoas (ELLISON, 1952), cujo sofrimento das diversas formas de marginalização e exploração ainda precisa ser explicitado e explicado. Existem estereótipos negativos sobre membros deste grupo de brasileiros. E referente às afrodescendentes, “tudo o que se coloca como problemática para a população negra atinge especialmente as mulheres” (VALENTE, 1994, p.56). Adjetivos depreciantes, piadas humilhantes, humilhações raciais, assédios sexuais, e tratamentos desumanos reforçam os estereótipos e ajudam firmar no imaginário, as representações negativizadas deste grupo étnico-racial e de gênero (TURRA & VENTURI, 1995; WERNECK, 2010). Larson e Ovando (2003) apontam para o perigo desta situação uma vez que a



mesma tem a tendência de ser fortalecida e reproduzida entre as gerações. Como vimos, é o caso brasileiro.

Esta realidade da afrodescendente brasileira é de dados negativos, experiências de sofrimento, e perspectivas não estimuladoras (HALBWACHS, 1990; MUNANGA, 2005). Muitas destas mulheres terminam introjetando as inferiorizações que sofrem do cotidiano e desenvolvem práticas diversas de sobrevivência; navegação social da sobrevivente. O que mais determina a mudança social necessária neste caso é a educação escolar. E como argumentam Pastore & Silva (2000) no tocante ao papel central numa escolaridade de bom nível,

A educação é o mais importante determinante das trajetórias sociais futuras dos brasileiros, importância que vem crescendo ao longo do tempo. Não é exagero dizer que a educação constitui hoje o determinante central e decisivo do posicionamento socioeconômico das pessoas na hierarquia social. Por sua vez, um dos principais problemas estruturais da sociedade brasileira é o baixo nível educacional da população. (PASTORE & SILVA, 2000, p. 40)

O cenário é de um ciclo vicioso que pesa negativamente do lado da afrodescendente. O que mais precisa para mudar a sua condição de vida é a permanência e bom desempenho na escola. As políticas sociais, em especial as da educação, permanecem excludentes. Deste modo,

Alguns fatores concorrem negativamente na performance da população negra no sistema educacional como a pobreza material; diversidade cultural das famílias negras; os estereótipos negativos ligados ao negro no imaginário social e presentes na escola, nos instrumentos didáticos, nas relações entre os alunos; o sentimento de abandono que as crianças negras carregam pela omissão dos professores diante das situações de humilhação racial de que elas são vítimas no cotidiano escolar, quando não são os próprios professores os agentes da discriminação. Por fim, sobretudo tem sido determinante nesse processo a incapacidade e/ou ausência de vontade política no sistema educacional para ofertar ensino público de qualidade às populações negras e pobres. (HENRIQUES, 2002, p. 8)

Apesar da situação adversa, cada vez mais, algumas afrodescendentes conseguem desenvolver respostas desafiadoras ao sistema, negando a sua condição de dominada (FORDHAM, 1993; GOMES, 2002) e conquistando alguma mobilidade social.

Sabemos que tem sido a partir de condições profundamente desvantajosas em diferentes esferas que nós mulheres negras desenvolvemos nossas estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto)definição. Ou seja, de representação a partir de nossos próprios termos, a partir do que projetamos novos horizontes de luta. Estratégias que devem ser capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação. (WERNECK, 2010, p. 15)

Afrodescendentes falam: suas palavras, minhas aproximações interpretativas

Sendo uma investigação exploratória, entrevistas foram conduzidas com cinco (5) mulheres afrodescendentes, todas profissionais, com diplomas universitárias. Nas entrevistas, foram enfatizadas as experiências quando as participantes eram estudantes. Baseado num *design*



qualitativo onde o estudo “responde à questões muito particulares” (MINAYO, 1994, p.21), as duas indagações básicas foram: Quais fatores foram determinantes para o seu bom desempenho escolar? Porquê você obteve êxito, e muitas outras em situações semelhantes à sua, não? Estas questões garantiram a natureza semi-estruturada das entrevistas, e possibilitaram que as entrevistadas falassem das suas experiências desinibidas e de seu modo.

Todas as entrevistadas eram da área de educação, trabalhando como professoras ou profissionais educacionais. Nas suas falas, foi possível perceber as suas atitudes, características pessoais, estratégias utilizadas nas suas interações com outros para se proteger e esquivar das discriminações e dos sexismos que confrontavam e tinham que superar. Estas respostas foram marcadas pela objetividade, criatividade, inteligência, perspicácia, resiliência, pensamentos positivos, e uma determinação calculada. Evidenciados, também, foram o apoio de outras pessoas e suporte de entidades.

Das falas, reproduzo trechos integrados que melhor objetivam respostas aos questionamentos e relatam as experiências mais didáticas para fins desta pesquisa. Os trechos considerados mais relevantes de cada entrevista foram inter-ligados para possibilitar uma leitura contínua de cada entrevista. A reprodução de ‘trechos soltos’ corre o risco de descontextualizar as falas e retirar de uma pesquisa qualitativa a sua maior vantagem; i.e., oportunizar aos leitores a possibilidade de relacionarem-se com as agentes da pesquisa através das falas destes e as interpretações dos leitores. Quando são reproduzidos somente trechos de cada entrevista, é o(a) pesquisador(a) que desempenha os papéis de interlocutor com a realidade (coleta de dados) e com o leitor (interpretação dos dados). Esta decisão de apresentar cada entrevista como um relatório integrado está de acordo com a abordagem qualitativa que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p. 21), ou ‘seleções arbitrárias do(a) investigador(a)’ das entrevistas conduzidas (CRESWELL, 2008). A leitura múltipla, diversificada e subjetiva em que o paradigma qualitativa está enraizada, precisa ser respeitada. Este chamamento se torna mais importante no tratamento das questões sociais.

Foi bem difícil para mim e minhas irmãs. O meu pai foi embora quando ainda bem pequena ... A minha mãe tinha que fazer tudo para todo mundo o tempo todo... Passamos fome quando não conseguimos algo para comer. Tinha uma vizinha ... ela tentava ajudar. Parece que tinha um filho que trabalhava...Com barriga vazia ou um pouco cheia, a mãe não cansava de dizer – “Vocês têm que estudar ... e bem muito para subir na vida. Não gostaria de ver vocês sofrendo deste jeito quando crescer. O estudo é a porta para tudo.” Na escola, as professoras não me dava atenção ... era somente mais uma criança pretinha da periferia. Mas gostava de ler ... pelos livros, viajava o mundo ... lia para minhas irmãs, e contava as historinhas para minha mãe ... Para todo mundo, eu ia ser uma professorinha ... (Professora Maria)



Ainda hoje, não sei como consegui chegar ao ensino médio. Eu só lembro do ensino fundamental por causa de um professor...ele não gostava de mim. Tudo que fazia, ele implicava comigo... mas com uma amiga minha menos pretinha, não fazia assim. Gostava dela ... emprestava livros para ela. No segundo ano de segundo grau, tinha uma professora que gostava de mim..., sem dúvida ela tinha carinho por mim. Ela era negra; e os pais dela moravam na minha rua. Conhecia a minha família, e falava sobre mim para o meu pai. Quando visitava a família, conversava comigo, também. Falávamos sobre os meus estudos ... sempre queria saber o que estava pensando fazer quando terminar os estudos. (Ana Maria, Orientadora educacional)

Desde bem pequena, quis sair da rua onde nós morávamos. Era bem feia; cheia de burracos. Quando tinha chuva, estava coberta de lama...poços de água suja em todo lugar durante dias depois das chuvas. Não gostava de falar sobre a minha casa, nem o meu bairro...Sabia que precisava fazer de tudo para melhorar a vida. Comecei a trabalhar bem cedo ... trabalhava e estudava ... ajudava em casa. O que sobrava, usava para comprar material escolar. Meus avôs tentavam ajudar. Não tinham muito. Ganhei uma bolsa num Curso Pré-Vestibular de uma ONG. Me sai bem no segundo vestibular. Consegui terminar curso superior trabalhando. Sempre foi com muito sacrifício que consegui as coisas. Fico muito grata pela atenção dos avós. Ainda somos muito próximos; gostam muito dos meus filhos. (Sra. Joana, Psicóloga escolar)

Não gostava de estudar, não! Ia para escola porque os meus pais me obrigavam. De vez em quando, não ia ...Um dia, o diretor da minha escola mandou me chamar. Queria falar comigo sem falta. Na sala dele, pediu para explicar porque faltava tantas aulas. A minha explicação não foi aceita. Me fez comprometer de nunca mais faltar das aulas. E todo dia, tinha que me apresentar antes e depois das aulas. Quando me esquecia, ele fazia questão de me procurar ... depois de uns meses, eu procurava ele para conversar ... ir para escola, não tanto para estudar, mas para estar perto do diretor. Por causa das nossas conversas, eu sou profissional escolar. (Srta. Regina, Técnica – Assuntos educacionais)

Sou uma pessoa de muita sorte. Devo tudo à minha mãe ... e sim, à minha professora da primeira série. Ela ainda me ajuda; agora como amiga; melhor ainda, como conselheira particular. Quando preciso, ela está sempre disponível. Com este apoio e o colo da minha mãe me esperando, não tinha medo de tentar coisas novas. Sempre responsável, mas também, nunca tive medo de fracassar ... quando quero, sei que tenho que tentar, me envolver com toda força de vontade para ver o que aconteceria. Daqui um ano ou dois, pretendo fazer seleção para cursar um mestrado ... em Políticas Públicas. (Profa. Josefina, Ensino médio)

Das particularidades destas falas, o que poderia ser entendido? Quais as possíveis interpretações das especificidades das experiências de cada uma das mulheres afrodescendentes entrevistadas? Da minha perspectiva de pesquisador, algumas das possíveis categorias apontadas pelas afrodescendentes entrevistadas são as seguintes:

1. Origem pobre e desafiadora;
2. Relações delicadas com a escola;
3. Consiciência sobre as suas condições sociais, étnico-racial e de gênero;
4. Determinação, perspicácia e objetividade; competentes como navegadoras sociais;
5. Capacidade em conseguir resultados positivos em situações inicialmente adversas;
6. Apoio objetivado de membros da família, especialmente o suporte materno;
7. Importância da família - a família como merecedora de atenção especial;
8. Acompanhamento por profissionais da educação;
9. Assistência de membros da comunidade; e
10. Aproveitamento de oportunidades disponibilizadas.



Conclusões como inconclusões

Tentar desvelar os significados das memórias coletivas individualizadas, experiências vividas, e explicações de acontecimentos que marcaram a vida de um grupo de mulheres afrodescendentes, consiste num desafio a mais. Pesquisar a vida destas mulheres é compartilhar de suas privacidades que terminam ensinando de como é enorme, apesar de tudo e de todos, a sua força de vontade, a sua perspicácia e resiliência para conseguir o sucesso social negado às afrodescendentes, mas que muitas merecem. A investigação sobre as estratégias utilizadas para se tornarem mulheres exitosas é basicamente uma tentativa de saber como conseguiram fazer valer a sua agência social, e reconquistar a sua voz de cidadã (CALDWELL, 2007).

Tanto estas observações quanto as categorias interpretativas elencadas acima validam a observação de que as afrodescendentes precisam continuar a luta. As barreiras históricas permanecem; as marginalizações discriminatórias não estão vencidas; as inferiorizações estão vivas; os desafios persistem. Entretanto, o fato de que algumas têm conseguido o êxito social merecido mostra que este sistema, como qualquer outro, é histórico; é consequência de construções humanas. Assim, pode e deve ser reconstruído para humanizar a sociedade.

As mulheres afrodescendentes entrevistadas mostram uma capacidade de criar possibilidades e re-direcionar destinos num Brasil que ainda sofre de preconceitos, racismos e sexismos que causam prejuízos sociais, culturais, políticos e econômicos. Estas considerações deveriam fazer parte dos processos que reproduzem as características negativas de uma geração para outra ... E o que fazer para interromper este processo reprodutivo é desafio para todos.

Neste sentido, uso as palavras de Werneck (2010) quando ela coloca,

De todo modo, ainda nos resta a tarefa inconclusa, ou pouco valorizada, de buscar a voz própria. Refiro-me à busca de outras formas possíveis ou desejáveis de expressão e representação do que fomos, do que poderíamos ter sido, do que desejamos ser, antes e além do eurocentrismo e suas pressões simbolizadas pelo racismo heterossexista, sua dominação econômica e seus ataques no plano simbólico. Ainda que nos reconheçamos múltiplas, mutantes, inconclusas. (p. 17)

Há implicações e lições neste estudo para outros membros sub-julgados e excluídos de qualquer sociedade contemporânea. As discriminações e desigualdades são semelhantes e igualmente desumanizantes qualquer que seja onde as encontramos.

Bibliografia

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987.



- CALDWELL, K. L. Racialized boundaries: Women's Studies and the question of 'difference' in Brazil. *The Journal of Negro Education*. vol. 70, no. 3, Summer 2001, p. 219-230.
- CALDWELL, K. L. *Negras in Brazil: re-envisioning Black Women, Citizenship, and the Politics of Identity*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2007.
- CHRISTOFOLETTI, R.; WATZKO, R.C. Mulheres negras nos jornais: exclusão, gênero e etnia. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, No. 39, agosto de 2009, p. 98-104.
- CRESWELL, J.W. *Education research: planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research*. Los Angeles, CA: Sage Publications, 2008.
- DIESSE. A mulher negra no mercado de trabalho metropolitano: inserção marcada pela dupla discriminação. *Estudos e pesquisas*. Ano 11, no. 14, novembro de 2005.
- ELLISON, R. *Invisible man*. New York, NY: Random House, 1952.
- FANON, F. *Pele negra, mascara branca*. Rio de Janeiro: Livraria Fator, 1983.
- FORDHAM, P. E. *Informal, non-formal and formal education programmes. ICE301- Lifelong Learning Unit 2*, London: YMCA George Williams College, 1993.
- GOMES, A.B.S. O movimento negro e a educação escolar: estratégias de luta contra o racismo. *Relatório de Pesquisa do II Concurso Negro e Educação*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, Ação Educativa e Fundação Ford, 2002.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HENRIQUES, R. *Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação*. Brasília, UNESCO, novembro de 2002.
- IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. Brasília, 2002.
- IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. Brasília, 2006.
- IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. Brasília, 2009.
- IBGE. *Síntese dos Indicadores Sociais 2007*. Rio de Janeiro, 2007.
- LARSON, C.; OVANDO, C. *The color of bureaucracy: the politics of equity in multicultural school communities*. Belmont, CA: Wadsworth, 2003.
- MACEDO, A.; FAUSTINO, O. *A cor do sucesso: sete razões de orgulho para a comunidade afro-brasileira*. São Paulo: Gente, 2000.
- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- MUNANGA, K. *História do negro no Brasil – O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição*. Brasília: Fundação Cultural Palmares/MinC., 2005.
- PASTORE, J.; SILVA, N. do V. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.
- PINHEIRO, L.; SOARES, V. *Retrato das desigualdades - Raça e gênero*. Programa Igualdade de Gênero e Raça – UNIFEM – IPEA, 2004.



PINHEIRO, L.; FONTOURA, N.de O.; QUERINO, A.C.; BONETTI, A.; ROSA, W. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Brasília: UNIFEM/IPEA, 2008.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Notícias da Prima Pagina: No Brasil, homem branco ganha o triplo de mulher negra*. Brasília, 2010. Disponível em: < www.pnud.org.br > Acesso em: 10/06/2010.

TURRA, C.; VENTURI, G. (orgs.). *Racismo cordial*. São Paulo: Ática, 1995.

VALENTE, A.L.E.F. *Ser negro no Brasil hoje*. São Paulo: Moderna, 1994.

VAZ, F.M. Diferenciais de rendimentos por sexo e raça segundo PNAD de 2007. IPEA - *Nota Técnica: Mercado de Trabalho*, 37, nov. 2008, p.1-4.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista ABPN*, vol. 1, no. 1, mar-junho de 2010, p. 8-17.